

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Juliana dos Santos Terenzi¹; Rebeca Teixeira de Souza¹; Laiana Tiemi Kawashima^{2*}

¹Graduanda em Psicologia, Faculdades Integradas de Três Lagoas- FITL/ AEMS; ² Psicóloga e Especialista em Psicologia da Saúde – FAI; docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

* autora correspondente: laiana.kawashima@gmail.com

RESUMO

O desenvolvimento humano envolve uma série de processos e pode ser influenciado por diversos fatores internos e externos à criança. A família é um desses fatores, atua como o primeiro grupo social de um indivíduo e tem como uma de suas funções a mediação da relação entre o mundo e a criança. Assim, essa pesquisa realizada em artigos compreendidos entre os anos de 2000 e 2019, que visa demonstrar a influência que a família exerce no processo de desenvolvimento infantil. Diante dos estudos apresentados foi possível analisar que a participação da família se faz necessária desde os primeiros dias de vida, para que a criança possa crescer em um ambiente seguro, sentindo-se amparada, amada e protegida.

PALAVRAS-CHAVE: desenvolvimento humano; desenvolvimento infantil; família.

1 INTRODUÇÃO

O referente artigo tem como intuito destacar as mudanças ocorridas no ambiente familiar e a sua importância no desenvolvimento humano durante os anos iniciais. A ideia principal é mostrar através dos estudos e dos teóricos, que a família é a base para que ocorra o desenvolvimento, tanto cognitivo quanto emocional, de um indivíduo.

Tendo em vista que a família é o primeiro grupo social de um indivíduo e que possui uma grande importância em seu desenvolvimento, faz-se necessário discutir, primeiramente, o conceito de família e as mudanças ocorridas ao longo da história para que seja possível a compreensão da sua influência no desenvolvimento da criança.

O presente artigo tem como objetivo mostrar a importância da família no processo de desenvolvimento de uma criança.

O artigo foi construído por meio de uma pesquisa bibliográfica em referenciais teóricos publicados em artigos do

SciELO e livros no período compreendido entre os anos de 2000 e 2019, tendo como base os descritores: desenvolvimento humano, família e influência da família no desenvolvimento infantil.

2 FAMÍLIA E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Existem diversas teorias que buscam explicar o desenvolvimento humano, bem como os fatores que podem influenciá-lo ou atrapalhá-lo. No entanto, não existe uma única teoria que seja capaz de definir todos os aspectos do desenvolvimento, fazendo-se necessária a apresentação das principais ideias a respeito do assunto, para melhor compreendê-lo.

Bock, Furtado e Teixeira (2001) entendem por desenvolvimento humano a relação entre o desenvolvimento orgânico, que corresponde ao crescimento físico do indivíduo, e o desenvolvimento mental, que corresponde ao aparecimento e crescimento das estruturas mentais.

O processo de desenvolvimento

perdura por toda a vida e pode ser dividido em três aspectos: físico, correspondente ao crescimento do corpo e desenvolvimento do cérebro e de habilidades motoras; cognitivo que corresponde ao desenvolvimento da atenção, memória, pensamento etc.; psicossocial que corresponde ao desenvolvimento das emoções e das relações sociais (PAPALIA, 2013).

Tais aspectos estão relacionados e sofrem influência um do outro. De acordo com Papalia (2013, p. 38) “[...] as capacidades física e cognitiva podem afetar o desenvolvimento psicossocial, além de contribuir significativamente para a autoestima e podem afetar a aceitação social e a escolha profissional.”. De maneira inversa, o desenvolvimento psicossocial pode afetar o físico e o cognitivo, pois, a ausência de relações sociais significativas pode prejudicar a saúde física e mental.

Segundo Bee e Boyd (2011) o desenvolvimento humano pode ser influenciado por fatores internos e externos. Entre os fatores internos, pode-se citar a hereditariedade e a maturação. Já entre os fatores externos, destacam-se a influência do ambiente sobre o comportamento e a interação da criança com o mundo que a cerca.

Afirma-se que a interação não é um relacionamento qualquer da criança com o mundo, mas sim uma combinação de influências internas e externas atuando em vários aspectos do desenvolvimento. Portanto, não é possível dizer que os comportamentos são totalmente determinados por fatores internos ou externos, mas sim, que são resultados da ação dos dois tipos de fatores (BEE; BOYD, 2011).

De acordo com Schmitz e Dorneles (2013, p. 181) “[...] existem dois grandes grupos de explicações centrais para o desenvolvimento cognitivo.”. O primeiro pode ser chamado de “domínio geral” e se refere à aprendizagem dos conceitos que estão ligados aos domínios cogniti-

vos. Já o segundo grupo recebe o nome de “domínio específico”, refere-se à ideia de que o desenvolvimento acontece de forma diferente para cada domínio cognitivo, assim, para que ocorra a aprendizagem, é necessária a utilização de habilidades cognitivas específicas.

Dentro do primeiro grupo, destacam-se as teorias de Piaget e Vygotsky. Jean Piaget (1896-1980) diz que o desenvolvimento ocorre através de uma adaptação que exige condições ambientais para que se ocorra os processos de acomodação e assimilação. A acomodação está relacionada à mudança que a criança deve fazer no meio quando recebe novas informações que devem ser anexadas a seu repertório. Já a assimilação é o processo de interpretação dessas novas informações, levando em conta os conhecimentos do meio que são incorporados à estrutura cognitiva que já existe (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013).

Vygotsky (1896-1934) afirma que o conhecimento surge da atividade social, assim, o desenvolvimento cognitivo é explicado pelo contexto em que um indivíduo está inserido. Desse modo, afirma-se que o desenvolvimento cognitivo de uma criança é resultado de suas interações e da mediação de informações, pois a criança se desenvolve à medida que ocorre a ampliação de seus conhecimentos através de sua interação e comunicação com outros (SCHMITZ; DORNELES, 2013).

Também pode-se destacar a importância da teoria de Erik Erikson (1902-1994), pois este enfatizou a importância da sociedade no desenvolvimento, afirmando que o ego se desenvolve por toda a vida e a partir da interação do indivíduo com o meio (SILVA; COSTA, 2005). Assim, “[...] o desenvolvimento psicossocial individual é influenciado pelo desenvolvimento motor e pela educação do movimento ao longo da vida.” (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013, p. 54).

Assim, pode-se entender que a família, sendo o primeiro grupo de socialização da criança, representa uma grande influência para seu desenvolvimento, podendo moldar seu comportamento e suas condutas (LUCCA, 2008).

Para uma melhor compreensão do papel da família no processo de desenvolvimento infantil, faz-se necessário compreendê-la em sua totalidade, bem como sua história e evolução a fim de entender suas transformações e como isso afeta a maneira com que ela lida com as crianças.

Para Locks (2012) a família é o lugar onde o indivíduo está introduzido, seja através de seu nascimento ou por adoção, e pelo qual forma sua personalidade. Já Ferreira (2004) define família como pessoas com laços de parentesco que vivem, geralmente, sob o mesmo teto, principalmente caracterizada por pai, mãe e filhos.

Família é um termo muito discutido e visto de diferentes formas e realidades. É notável que desde os tempos antigos até o mundo atual houve uma evolução no que se refere ao comportamento afetivo, recíproco e até mesmo no olhar social sobre essa grande ligação.

Nas sociedades primitivas, os primeiros grupos sociais não compunham a família como é conhecida hoje. As uniões existentes naquele tempo tinham pouco interesse em vínculos passageiros ou duradouros, nem mesmo tinham preocupação com relacionamentos monogâmicos ou poligâmicos. Porém, com a presença de uma prole foi necessário o estabelecimento de uma nova estrutura social que seria capaz de executar funções e garantir a saúde da espécie (MALUF, 2010).

Na Idade Média, uma forma comum de educação era o serviço doméstico, prestado por crianças que eram enviadas por suas próprias famílias para outras, para aprender pela prática. Por meio deste serviço, o mestre, que não era o pai da criança, mas sim seu se-

nhor, transmitia à criança que lhe servia, conhecimentos e experiências (ARIÈS, 2006). Assim, a família da Idade Média pode ser considerada mais de realidade moral e social do que de realidade sentimental, pois as famílias não podiam alimentar um sentimento profundo entre pais e filhos. Pode-se dizer, então, que a preocupação com o desenvolvimento emocional era inexistente. No entanto, no século XV as relações e os sentimentos familiares começaram a se modificar, tendo em vista a extensão da frequência escolar. Nessa época, cada vez mais, a criança passou a ter sua aprendizagem através da escola ao invés de aprender com a convivência com os adultos. Dessa maneira, a escola pode ser entendida como uma aproximação da família com suas crianças, uma vez que os pais queriam vigiar seus filhos mais de perto ao invés de enviá-los à outras famílias (ARIÈS, 2006).

Já no século XVIII houve um progresso nas estruturas familiares, pois a família passou a ser confinada num espaço limitado, com a finalidade de mantê-la distante da sociedade. As casas foram reorganizadas, possibilitando uma maior intimidade entre os pais e as crianças e o progresso do sentimento de família. Dessa forma, as transformações nas famílias deram-se à medida que as relações internas com as crianças foram se modificando. As crianças passaram a não ser mais segregadas, mas aprendiam a viver por meio do contato diário. Assim, a passagem de conhecimento de geração em geração era assegurada pela participação que as crianças tinham na vida familiar dos adultos (ARIÈS, 2006).

Levando em consideração as mudanças ocorridas no meio familiar, tanto em sua estrutura, quanto na maneira com que as crianças são vistas, têm-se, uma dificuldade para se definir o conceito de família de uma forma concreta (MALUF, 2010).

Dentre os fatores que influenciaram

a transformação do conceito e do padrão da família, destacam-se: a Revolução Industrial; a independência da mulher; direito ao divórcio; técnicas para controle de natalidade; a queda no tamanho da família; o aumento do número de mães solteiras, entre outros.

Dessen e Neto (2000) afirmam que é necessário repensar o conceito de família, para que sejam englobadas as diferentes constituições familiares, tendo em vista que os papéis materno e paterno são desempenhados de maneira diversa em diferentes culturas. Portanto, há de se pensar sobre a relação de influência existente por parte da família no desenvolvimento da criança, pois os seres humanos se desenvolvem em um contexto histórico e social, sendo a família o contexto imediato para o bebê (PALIA, 2013).

Desde seu nascimento, a criança está em uma interação constante com os adultos que a cercam. Esses adultos, por sua vez, tentam inserir a criança nas suas relações e na cultura, agindo como mediadores dos processos psicológicos. Desse modo, o desenvolvimento está diretamente ligado às interações da criança com o meio (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001).

Vygotsky (1991 apud Leite; Leite; Prandi, 2009) afirma que o conhecimento é intermediado pelas pessoas que convivem com as crianças, portanto, segundo Bock, Furtado e Teixeira (2001), não há aprendizagem sem interação, pois a criança se relaciona com o mundo sendo mediada por outra pessoa que é de suma importância para o processo de apropriação da cultura. Desse modo, pode-se pensar em aprendizagem como sendo um processo sobretudo social, que acontece através da interação com adultos, sendo o desenvolvimento um resultado desse processo (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001).

Assim, Dessen e Neto (2000) afirmam que a família corresponde a um âmbito único e dinâmico para o desen-

volvimento da criança. Tendo um papel fundamental na sociedade como transmissora de valores ideológicos. Ela também é o primeiro grupo mediador de uma pessoa com a sociedade, sendo que, no meio familiar, é que ocorrem os primeiros aprendizados. Tais aprendizados são importantes, pois “[...] a família reproduz, em seu interior, a cultura que a criança internalizará” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001, p. 332).

Outro aspecto a ser considerado é o desenvolvimento psicológico da criança que é influenciado pela atenção e pelos cuidados recebidos pela criança nos anos iniciais. Por meio disso, a criança deve se sentir amparada, protegida e amada. Um dos autores que destaca essa importância é Donald Winnicott (1896-1971).

Winnicott (2011) afirma que o desenvolvimento da criança está ligado ao cuidado e ao tempo que a mãe disponibiliza, sendo possível apontar dois tipos de distúrbios que podem afetar esse processo. De um lado encontra-se a mãe cujos interesses por si são compulsivos, ao ponto de não conseguir abandoná-los, ou seja, ela não consegue viver o que é chamado de maternagem. E do outro lado encontra-se a mãe que possui uma preocupação extrema, ou seja, ela cria uma preocupação patológica pelo seu filho.

Se houver falha nesse processo de maternagem, a criança sofre implicações diante da sua verdadeira identidade, podendo essa não se formar ou se tornar uma falsa identidade (WINNICOTT, 2011). Ou seja, a dedicação dos pais para com a criança desde seus primeiros meses de existência afeta diretamente o desenvolvimento de sua identidade.

Tendo em vista essa dedicação, Winnicott (2011) propõe o conceito de mãe suficientemente boa. Esse conceito não está totalmente relacionado à figura da mãe, pois a mãe suficientemente boa pode ser qualquer cuidador que se dedica ao desenvolvimento da criança.

A pessoa que desempenha esse papel tem três funções: segurar (*holding*); tocar (*handling*) e apresentar objetos. A primeira função, chamada de *holding* está associada à identificação da mãe e o seu bebê, sendo que o segurar adequado é essencial para o desenvolvimento da criança. Segurar o bebê de maneira inadequada pode acarretar alguns problemas, como, por exemplo, a criança pode sentir que está se despedaçando ou caindo em um buraco fundo.

A segunda função é chamada de *handling* e está relacionada ao cuidado que a mãe tem com seu bebê. O tocar auxilia na construção de uma associação psicossomática e quando acontece de maneira inadequada pode prejudicar a formação do tônus muscular e da coordenação (WINNICOTT, 2011).

A última função é a de apresentar objetos, que tem como objetivo aguçar a parte criativa da criança, pois, se os objetos não são apresentados de uma maneira adequada, a criança, mais tarde, poderá não se sentir parte do mundo (WINNICOTT, 2011). Assim, de acordo com Winnicott (2011), pode-se concluir que a criança que tem uma mãe suficientemente boa tem seu ego fortalecido, sendo capaz de organizar suas defesas e desenvolver suas capacidades pessoais. Portanto, pode-se dizer que pais que se comprometem com as necessidades básicas de suas crianças sem deixar de lado seus próprios interesses são um dos principais aspectos importantes para um bom desenvolvimento psicológico (FALCETO; WALDEMAR, 2013). Isso se dá pelo fato de que os principais vínculos e estímulos que são necessários para o crescimento e desenvolvimento são viabilizados pela família na primeira infância (ANDRADE, 2005).

É nesse período, de acordo com Ribeiro e Bessia (2015), que o ser humano tem mais probabilidade de se desenvolver e aprimorar suas habilidades e é na família que a criança é educada de forma natural, adquirindo regras, costu-

mes e princípios que a acompanharão para o resto de sua vida. Assim, o sujeito, desde criança, desenvolve suas capacidades, dentro do ambiente familiar, manifestando seus sentimentos e tomando como exemplo os costumes apresentados pelos familiares.

Também é dentro da família que se desenvolvem as primeiras relações interpessoais, construindo trocas emocionais que servirão de suporte afetivo para a idade adulta (PRATTA; SANTOS, 2007). Desse modo, todo o conhecimento adquirido através da interação da criança com sua família é internalizado e é expresso na relação do indivíduo com o meio que está inserido.

Com isso, segundo Andrade (2005), a família tem como função a mediação entre a criança e a sociedade, proporcionando sua socialização e tendo como responsabilidade e, segundo Ribeiro e Bessia (2015), sustentar que os direitos das crianças sejam priorizados, para que os mesmos se tornem sujeitos presentes na sociedade.

Para que se compreenda o desenvolvimento do indivíduo, é preciso compreender o desenvolvimento familiar. Para se compreender como as famílias funcionam, é preciso refletir sobre sua função, considerando-se a perspectiva dos membros da família e da sociocultural. Além disso, aspectos econômicos, sociais, culturais e históricos de cada família devem ser estudados (DESSEN; NETO, 2000).

Assim, pode-se dizer que as famílias enfrentam vários problemas, tanto advindos do ambiente e da cultura, da influência dos meios de comunicação, bem como os advindos das diferentes concepções de sexualidade (DESSEN; NETO, 2000). Tais problemas podem interferir no desenvolvimento cognitivo da criança, pois podem influenciar sua perspectiva sobre o mundo, tendo em vista que cada indivíduo possui uma realidade diferente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos apresentados foi possível analisar que a família molda o comportamento, seja ele através da ação ou da imaginação, levando em consideração que, desde o nascimento o indivíduo passa por uma série de mudanças psicossociais, que interferem no seu modo de interagir e de enxergar o mundo em que está inserido.

A criança, ao nascer, entra em um mundo já pronto em que ela não teve participação na construção, ou seja, em um mundo que já existia antes dela, com modelos e regras a serem seguidos. A família, nesse sentido, atua como uma mediadora para ajudar a criança a se adaptar (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001). Porém, é necessário que se considere o ambiente familiar, como origem histórica, econômica, social ou cultural, pois estas atuam diretamente na relação dos pais com os filhos e influenciam na maneira com que eles sejam educados.

É imprescindível também, levar em consideração que crianças diferentes sofrem influência de um mesmo ambiente de maneiras diferentes, ou que o mesmo ambiente pode provocar diferentes respostas em diferentes momentos (BEE; BOYD, 2011). Desse modo, pode-se dizer que os mesmos pais podem criar filhos de maneiras diferentes, tendo em vista que os fatores sociais e as experiências adquiridas, bem com as circunstâncias familiares podem ser alterados no intervalo de um filho para o outro. Portanto, é possível concluir que a participação da família, através dos pais ou por aqueles que exerçam esse papel, se faz necessária desde os primeiros dias de vida, para que a criança possa crescer em um ambiente seguro, sentindo-se amparada, amada e protegida.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. A. et al. Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma

abordagem epidemiológica. *Revista Saúde Pública*, Salvador, v. 4, n. 39, p.606-11. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/rsp/2005.v39n4/606-611/pt>>. Acesso em: 26 dez. 2018.

ARIÈS, P. História social da criança e da família. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 196 p., 2006.

BEE, H. BOYD, D. A criança em desenvolvimento. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 568 p., 2011.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. *Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

CERVENY, C. M. de O.; BERTHOUD, C. M. E. Ciclo vital da família brasileira. In: Osorio, L. C.; Valle, M. E. P. do. *Manual de Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artmed, Cap. 1. p. 26-37, 2009.

CHALITA, G. *Educação: a solução está no afeto*. São Paulo: Gente, 2001.

DESSEN, M. A.; NETO, N. A. e S. Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, [s.l.], v. 16, n. 3, p.191-292, dez. 2000. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722000000300001>>. Acesso em 18 abr 2019.

FALCETO, O. G.; WALDEMAR, J. O. C. O ciclo vital da família. In: Eizirik, C. L.; Bassols, A. M. S. (Org.). *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, Cap. 7. p. 95-110, 2013.

FERREIRA, A. B. de H. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa* dicionário. 7. ed. Curitiba: Positivo, 896 p., 2004.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GODWAY, J. D. Modelos do desenvolvimento humano. In: Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, Cap. 2. p. 42-64, 2013. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=R6xIAgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR3&dq=desenvolvimento+segundo+erikson&ots=b0ZJnYNVP3&sig=-FdCZ6etGMzdH-FcCLDV-EVmdFE#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

LEITE, C. A. R.; LEITE, E. C. R.; PRANDI, L. R. A aprendizagem na concepção histórico-cultural. *Akrópolis*, Umuarama, v. 17, n. 4, p. 203-210, out./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/2900/2135>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

LOCKS, J. C. dos A. As novas modalidades de família. *Boletim Jurídico*. v. 13, n. 1038. 2012. Disponível em: <<https://www.boletimjuridico.com.br/doutorina/artigo/2728/as-novas-modalidades-familia>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

LUCCA, E. de. Habilidade Social: uma questão de qualidade de vida. Jundiaí, 2008. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0224.pdf>>. Acesso em: 19 jul 2019.

MALUF, A. C. do R. F. D. Conceito e evolução histórica da família. In: *Novas modalidades de família na pós-modernidade*. Tese (Doutorado) - Curso de Direito, Direito Civil, USP, São Paulo, 348 f., 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2131/tde-31012011-154418/publico/TESE_COMPLETA_PDF

>. Acesso em: 20 abr. 2019.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento Humano*. 12 ed. Porto Alegre: AMGH. 2013.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05>>. Acesso em: 31 jan. 2019.

RIBEIRO, N. V.; BÉSSIA, J. F. de. As contribuições da família para o desenvolvimento da criança na educação infantil. 2015. Disponível em: <http://www.faacz.com.br/portal/conteudo/iniciacao_cientifica/programa_de_iniciacao_cientifica/2015/anais/as_contribuicoes_da_familia_para_o_desenvolvimento_da_crianca.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2019.

SCHMITZ, M.; DORNELES, B. V. O desenvolvimento cognitivo no ciclo vital. In: EIZIRIK, C. L.; BASSOLS, A. M. S. (Org.). *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, Cap. 13. p. 181-191, 2013.

SILVA, M. da G.; COSTA, M. E. Desenvolvimento psicossocial e ansiedades nos jovens. *Análise Psicológica*, S.l., v. 23, n. 2, p.111-127, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v23n2/v23n2a04.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento do indivíduo*. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.